

REDESENHANDO A DISPUTA:

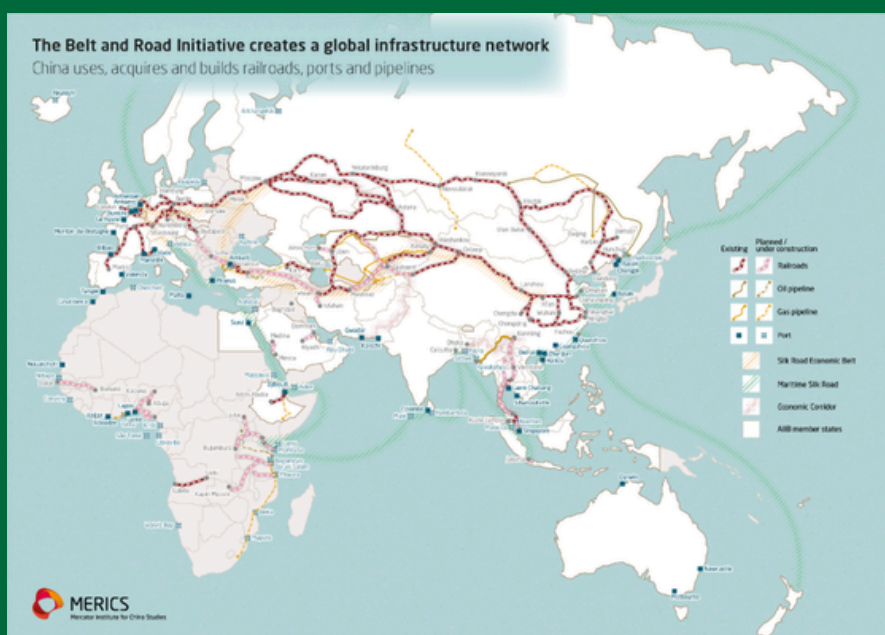
BELT AND ROAD INITIATIVE
(BRI) COMO DISPUTA
CENTRAL POR PODER
MARÍTIMO, TERRITORIAL E
COMERCIAL NA ARÁBIA
SAUDITA





INTRODUÇÃO

Desde o seu lançamento em 2013, a Belt and Road Initiative (BRI), proposta pela República Popular da China, é um projeto que visa conectar a China e a região da Ásia com outros continentes, sobretudo a África, Europa e Oriente Médio e se consolidou como o projeto de infraestrutura e integração mais ambicioso e promissor da atualidade. A BRI, em si, é um dos principais meios de articulação de política externa chinesa voltado à redistribuição de poder no Sistema Internacional. Acerca da BRI, a China buscou a expansão de sua presença estratégica e econômica não somente para a Ásia, mas para o Oriente Médio – região essencial para a segurança energética e o desenvolvimento de corredores econômicos marítimos.



Fonte: Mercator Institute for China Studies, 2018 (MERICS < <https://merics.org/en/tracker/mapping-belt-and-road-initiative-where-we-stand>>)

Nesse contexto, a Arábia Saudita surge como uma parceria estratégica e fundamental, dado o espaço geográfico e geopolítico em que o país se localiza – região do Golfo e Mar Vermelho, tornando-se fundamental e relevante como a principal exportadora de petróleo para a China (CARNEGIE ENDOWMENT, 2025).



INTRODUÇÃO

A aproximação entre a China e a Arábia Saudita se tornou mais forte principalmente após o lançamento da “Saudi Vision 2030”, um programa lançado pelo país em 2016 que visa a modernização econômica e busca também reduzir a dependência saudita do petróleo, para que com isso, diversifique os investimentos estrangeiros. A Saudi Vision 2030 também tem como objetivo transformar a Arábia Saudita em um conector de continentes, sendo eles a Ásia, África e Europa (STANDARD CHARTERED, 2025). Essa iniciativa converge diretamente com a lógica da China e a BRI (CARNEGIE ENDOWMENT, 2025).

Apesar de outros países do Oriente Médio, sobretudo a região do Golfo fazerem parte da BRI, a Arábia Saudita se destaca devido a alguns fatores, sendo eles: sua produção de petróleo, seu protagonismo regional e sua localização estratégica que dá acesso a rotas marítimas (Golfo e Mar Vermelho). Além disso, a convergência de ideias entre a BRI e a Saudi Vision 2030 torna esse laço ainda mais forte em detrimento a outros parceiros regionais, como por exemplo, os Emirados Árabes Unidos – segundo principal parceiro comercial da China (MOTOR MERCANTIL, 2025).

O ponto central da análise da relação entre estes dois atores é compreender como a BRI ao se inserir, investir no território e se alinhar aos projetos de desenvolvimento saudita, se posiciona como uma disputa por poder marítimo, territorial e comercial no Sistema Internacional. A disputa em si não envolve apenas a China e Arábia Saudita, mas diversos outros atores com influência direta na região do Golfo e Mar Vermelho, e temos como principal exemplo os Estados Unidos da América (EUA) tornando isso tudo de fato, uma competição contemporânea geopolítica.



INTRODUÇÃO

Essa disputa geopolítica também pode ser compreendida a partir da crescente competição entre China e Estados Unidos. historicamente, os EUA exercem forte influência sobre o Oriente Médio por meio de instrumentos políticos, econômicos e militares, buscando preservar sua posição estratégica em uma região que concentra importantes recursos energéticos, rotas comerciais e pontos estratégicos, como o Estreito de Ormuz e o Mar Vermelho. Nesse contexto, a crescente presença chinesa por meio da BRI e da aproximação com a Arábia Saudita amplia a competição por influência na região.

Entretanto, a expansão chinesa na mesma região mostra que de fato, há uma reconfiguração e uma disputa por poder no Golfo e Mar Vermelho, a economia se torna um fator de projeção de influência chinesa em uma região que é vinculada historicamente aos EUA (CARNEGIE ENDOWMENT, 2025).

A análise desta pesquisa inicia-se em 2009 e se estende até os dias atuais. Nesse período, a China consolidou-se como a maior importadora global de petróleo saudita. Segundo o veículo jornalístico *Le Monde Diplomatique*, em 2009, a china ultrapassou os Estados Unidos como o maior comprador de petróleo da Árabia saudita (LE MONDE DIPLOMATIQUE, 2011). Essa posição manteve-se ao longo dos anos, de modo que, atualmente, a Arábia Saudita (46%) segue como o principal parceiro comercial da China na região do golfo, seguida pelos Emirados Árabes Unidos (38%) (MOTOR MERCANTIL, 2025). Dito isso, após pesquisas, foi constatado que a Arábia Saudita é o maior destino global de investimentos e contratos da BRI, em 2025 o país foi cenário de 42 acordos assinados vinculados a BRI (ARAB NEWS, 2025).



INTRODUÇÃO

A escolha do tema acerca da Belt and Road Initiative (BRI) deu-se em razão de sua relevância no cenário mundial. A BRI é considerada um dos maiores investimentos da história moderna, com investimentos estimados em mais de US\$ 1 trilhão, distribuídos em setores como logística, portos, ferrovias, energia e conectividade. Além disso, a iniciativa apresenta impactos socioeconômicos, como a redução da pobreza e a geração de pelo menos 500 mil empregos (MOTOR MERCANTIL, 2026). A relação entre os atores envolvidos pode ser de extrema importância entre os países. Nesse sentido, considerando o amplo alcance da BRI, não apenas no Oriente Médio, bem como a relevância que o projeto adquiriu e os investimentos realizados por diversos parceiros, compreendemos a BRI como um importante eixo de articulação na disputa por poder comercial, marítimo e territorial.

Com isso, diante a esta análise, a pergunta que direciona a pesquisa é: Como a BRI se torna uma disputa por poder marítimo, territorial e comercial utilizando a Arábia Saudita como parceira no Oriente Médio e como essa disputa é articulada para com os outros atores influentes da região?



CONTEXTUALIZAÇÃO

A Belt and Road Initiative (BRI) é considerada um pilar central da estratégia de projeção de poder da China para se consolidar como uma superpotência global na era contemporânea. O projeto, para além de uma série de obras de engenharia, trata-se de uma nova forma de arquitetar a geografia econômica do mundo, promovendo profundas mudanças globais e a emergência de novas hegemonias no sistema internacional (SALVAGNI et al; 2022). Ao investir em uma rede massiva de ferrovias, portos e rodovias, a China pretende garantir sua segurança energética a longo prazo (QIAN, 2016) e diminuir a dependência estratégica de rotas marítimas tradicionais, que atualmente são patrulhadas e controladas pelas forças navais dos Estados Unidos.

Essa dinâmica de expansão logística traz consigo uma latente dimensão de conflito entre Washington e Pequim. Para os Estados Unidos, a BRI não representa apenas um plano comercial, mas sim uma estratégia deliberada de cercamento geopolítico e enfraquecimento das alianças ocidentais, o que tem levado a superpotência americana a adotar políticas ativas de contenção do eixo Sino-Russo (PAUTASSO, 2019).

A conectividade global transforma-se, assim, em um teatro de competição e atrito direto (COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS, 2024), onde o financiamento de portos e rotas pela China é interpretado pelo Ocidente como um desafio militar e estratégico à livre navegação e ao equilíbrio de poder estabelecido desde o fim da Segunda Guerra Mundial. A iniciativa propõe, fundamentalmente, uma nova ordem global onde a China deixa de ser a "fábrica do mundo" e passa a atuar como o principal centro de conectividade e decisão política da Eurásia (MAÇÃES, 2018).



CONTEXTUALIZAÇÃO

Geopoliticamente, a BRI opera como uma ferramenta de diplomacia econômica que permite a aproximação das nações através da maximização de seus recursos de poder (LEAL BARCELLOS; MÈRCHER, 2020). Pequim oferece investimentos de capital que, frequentemente, não possuem as mesmas exigências burocráticas, ambientais ou de governança das instituições financeiras ocidentais tradicionais, criando uma zona de influência que permite ao país estabelecer seus próprios padrões comerciais e tecnológicos.

Além da infraestrutura física, a importância da BRI se consolida na sua capacidade de gerar soft power e consolidar a China como uma liderança alternativa dentro do cenário internacional. O conceito de soft power (poder brando), concebido por Joseph Nye, pode ser definido como a habilidade de um Estado de influenciar o comportamento de outros atores internacionais e moldar suas preferências por meio da atração cultural, de valores políticos e de uma diplomacia cooperativa, em vez da coerção militar (hard power, conceito também sintetizado pelo autor) ou de incentivos puramente econômicos.

Ao financiar projetos no Sul Global, onde as nações frequentemente encontram barreiras ligadas à dificuldade de crédito institucional e soberano (BRAUTIGAM, 2020), Pequim utiliza sua força econômica para construir profundas alianças políticas. Essa estratégia promove a imagem da China como um parceiro que fomenta o desenvolvimento mútuo sem interferir diretamente nas questões políticas internas de cada país, o que atrai o alinhamento de diversas nações na África, Ásia e América Latina, convertendo capital financeiro em influência e apoio em fóruns internacionais (DE CONTI; MOZIAS, 2020).

CONTEXTUALIZAÇÃO



Esse movimento se estende de forma crucial para o campo tecnológico através da chamada “Rota da Seda Digital”. O cerne dessa vertente está na instalação e controle de redes de quinta geração (5G), que consistem na mais avançada infraestrutura de telecomunicações móveis de banda larga. O 5G vai além da telefonia celular, ele viabiliza a internet das coisas, automação industrial, cidades inteligentes e o processamento massivo de dados em altíssima velocidade e baixíssima latência.

Ao exportar essa tecnologia de ponta, cabos de fibra ótica e sistemas de vigilância urbana, a China passa a ditar as normas de governança digital e os padrões técnicos globais (THE ECONOMIST, 2020). Essa dependência tecnológica gera intensos debates sobre segurança cibernética e soberania nacional, uma vez que o controle sobre o fluxo de informações confere a Pequim uma capacidade inédita de influência informacional e inteligência estratégica (COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS, 2024).

Internamente, a BRI desempenha um papel fundamental na estabilização e segurança das fronteiras chinesas. O governo central utiliza o projeto para levar desenvolvimento econômico até suas províncias ocidentais mais distantes e com menos recursos, conectando-as diretamente aos mercados vizinhos na Ásia Central (CLARKE, 2018). A lógica por trás dessa estratégia reside no princípio de que, ao transformar regiões isoladas em centros de comércio e logística, torna-se possível reduzir as desigualdades sociais e mitigar as instabilidades políticas presentes nessas áreas. Através de grandes corredores econômicos, como o Corredor Econômico China-Paquistão (CPEC), o Estado chinês procura promover o crescimento econômico dos seus países vizinhos como uma forma de contenção a crises humanitárias e ao avanço de grupos extremistas (CLARKE, 2018). Para Pequim, uma vizinhança próspera e integrada por ferrovias e oleodutos é sinônimo de uma fronteira segura.

CONTEXTUALIZAÇÃO



Apesar do seu enorme potencial, a iniciativa enfrenta desafios significativos que geram intensos debates dentro da comunidade internacional. O ponto mais crítico está na sustentabilidade financeira dos projetos, onde críticos apontam para o risco de endividamento excessivo que poderia comprometer a soberania das nações parceiras (BRAUTIGAM, 2020; LAGOA, 2026). Como resposta a esse avanço, outras potências globais começaram a lançar seus próprios planos de infraestrutura, o que transforma a conectividade global em um cenário de acirrada competição geopolítica (BBC NEWS BRASIL, 2023).

No entanto, independentemente das críticas, a iniciativa já alterou permanentemente a estrutura do comércio mundial. O futuro da BRI dependerá da capacidade do governo chinês em adaptar o projeto a padrões de transparência e sustentabilidade mais rigorosos (WANG, 2026), mas sua existência confirma que o eixo global está se deslocando, colocando a integração da Eurásia no centro das decisões políticas do próximo século.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA ANÁLISE



No início do século XX, quando as grandes potências tentavam decifrar as regras do poder mundial, a geopolítica parecia um jogo de mapas e fronteiras. Halford Mackinder acreditava que o destino do mundo seria decidido no interior da Eurásia, no chamado Heartland. Nicholas Spykman, porém, enxergou algo diferente e mais dinâmico. Para ele, o verdadeiro centro do poder não estava no coração continental, mas nas bordas, onde terra e mar se encontram, onde pessoas, mercadorias e exércitos circulam. Era ali, nas zonas costeiras que circundam a Eurásia, que o futuro do sistema internacional estava sendo escrito.

Spykman chamou esse espaço estratégico de Rimland. Estendendo-se da Europa Ocidental, passando pelo Oriente Médio, até o sul e o leste da Ásia, o Rimland concentra algumas das regiões mais disputadas da história. Portos, estreitos marítimos, grandes centros urbanos e rotas comerciais se sobrepõem nesse arco geográfico. Por isso, sua fórmula tornou-se um dos mantras da geopolítica clássica: quem controla o Rimland controla a Eurásia; quem controla a Eurásia, controla o destino do mundo. Não se trata apenas de território, mas de conexões, onde quem domina as conexões exerce poder.

Essa leitura ajuda a compreender por que o século XXI parece confirmar, repetidas vezes, a teoria de Spykman. A Nova Rota da Seda, lançada pela China em 2013 e oficialmente chamada de Iniciativa do Cinturão e Rota (Belt and Road Initiative – BRI), é o exemplo mais claro disso. Apresentada como um projeto de cooperação econômica, a BRI propõe integrar países por meio de portos, ferrovias, estradas e aeroportos financiados por capital chinês. Com mais de 148 países participantes e investimentos que já ultrapassam US\$ 1,18 trilhão, a iniciativa redesenha fluxos comerciais e reposiciona a China no centro das cadeias globais.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA ANÁLISE



Projetos como o Porto de Chancay, no Peru, ou a ampliação da presença chinesa no Mar do Sul da China não são iniciativas isoladas. Eles seguem uma lógica precisa: fortalecer a presença chinesa exatamente nas zonas que conectam oceano e continente, pontos-chave do Rimland moderno. Ao ampliar sua influência sobre corredores terrestres e rotas marítimas, Pequim não apenas facilita o comércio, mas também aumenta sua capacidade de moldar decisões políticas, estabelecer dependências econômicas e influenciar a ordem internacional. Nesse sentido, conflitos contemporâneos — da guerra na Ucrânia às tensões no Indo-Pacífico — reforçam a atualidade da ideia de que o poder global continua sendo decidido nas bordas da Eurásia.

Essa dinâmica torna-se ainda mais evidente quando conectada à teoria do poder marítimo de Alfred Thayer Mahan. O oficial da marinha dos EUA argumenta a importância do poder marítimo sob a sua ótica da função dos mares e oceanos. Além de espaços naturais, tornam-se espaços sociais e políticos, conectado à terra por portos, bases navais e colônias. Os oceanos não são apenas espaços de navegação, ocupam um espaço de rotas estratégicas, conectando economias, países e exércitos. Quem controla o mar, detém vantagem política e econômica.

De acordo com Mahan, o objetivo de expansão do poder marítimo é alcançado através de três fatores: poder naval, comercial e colonial. O poder naval é composto pela força militar da marinha, importante para dominar os mares através do hard power, em tempos de guerra é eficiente para derrotar o inimigo com bombardeios e batalhas. O comercial compõe o fluxo de mercadorias, em tempos de paz ganha destaque pela conexão entre regiões através de trocas comerciais.

O poder colonial demonstra a projeção de poder global via controle de pontos estratégicos ao redor do mundo, os chamados chokepoints, como o Estreito de Gibraltar ou o Canal de Suez que ligam rotas marítimas, o país detentor do controle desses pontos estratégicos decide quem pode ou não circular entre os continentes.



ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA ANÁLISE

A teoria do poder marítimo de Mahan se conecta a Belt and Road Initiative, por ser um projeto econômico de integração regional através de rotas marítimas. Desde os séculos passados a China detém um forte potencial marítimo, divergindo da antiguidade em que as principais rotas comerciais com o Império Romano foram feitas via rotas terrestres, a partir de 2010 a principal fonte de conexão com a Europa tornou-se marítima, dessa forma, a China visualizou a oportunidade de expansão econômica e comercial através de rotas marítimas com os demais continentes (REVISTA BRASILEIRA DE ESTRATÉGIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS, 2020).

A "rota" é uma referência a rede marítima que liga a China aos principais portos do mundo, através da Ásia, África e Europa, se conectando a ideia de Mahan, no qual os portos são pontos estratégicos para controle de rotas (BBC NEWS BRASIL, 2023). Um dos pilares que compõem o poder marítimo é o poder comercial, o investimento da BRI impulsiona a facilitação e diversificação comercial entre a China, Oriente Médio e África, estimulando o crescimento econômico regional, e se fortalecendo internacionalmente. Ao unir infraestrutura, comércio e controle estratégico de rotas, a China demonstra que a geopolítica clássica não perdeu relevância. Pelo contrário: ao combinar as ideias de Spykman e Mahan, fica claro que o século XXI é palco de uma disputa antiga, travada entre terra e mar, onde controlar as conexões continua sendo a chave para moldar o destino do mundo.



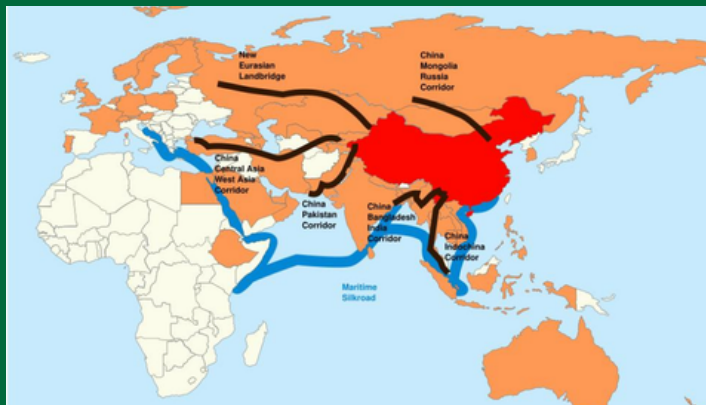
ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA ANÁLISE

Os Corredores Geoeconômicos são definidos, em 2025, pelo autor Kashif Hasan Khan como sistemas integrados, rotas de comércio, transporte e infraestrutura, integrando-se a uma rede de conexão entre os países, ocasionando em desenvolvimento.

Os corredores funcionam como instrumentos de poder econômicos, políticos e estratégicos. Khan defende a análise dos corredores como parte da evolução da governança global, dado que essa conexão permite uma colaboração flexível, e não uma aliança rígida como a OTAN. Cada país mantém autonomia em questões divergentes, como segurança regional, política ambiental, dentre outras áreas em que não há consenso.

Atualmente, a Globalização contém novos polos de produção e consumo, gerando redistribuição de poder mundial.

Os países buscam novos formatos para concentrar seu aumento de poder, novos polos econômicos como a China, Oriente Médio, Ásia e África surgem, e alteram a redistribuição de poder, rivalizando com a Europa e Eua (STRATEGIC NAVIGATION THROUGH ECONOMIC CORRIDORS, 2025). Os Corredores Geoeconômicos apresentam similaridades com as perspectivas formuladas sobre o Poder Marítimo de Mahan e Poder Terrestre & Teoria do Rimland do Spykman, por retratar a expansão de poder comercial e econômico através de rotas marítimas e terrestre



Fonte: WIKIPÉDIA, 2010.
https://pt.wikipedia.org/wiki/Nova_Rota_da_Seda

Disponível em:

ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA ANÁLISE



A China pretende alcançar e expandir seu poder, e influência através desses Corredores, por intermédio da Belt and Road Initiative, com investimentos ambiciosos, e colaboração da Arábia Saudita investindo em um dos corredores, com interesse em complexos de petróleo (JORNAL DA ECONOMIA DO MAR, 2024), são construídos seis, sendo estes: China-Mongolia-Russia Economic Corridor, New Eurasian Land Bridge, China-Central Asia-West Asia Economic Corridor, China-Indochina Peninsula Economic Corridor, China-Pakistan Economic Corridor com investimento da Arábia Saudita e Bangladesh-China-India- Myanmar Economic Corridor.

Esses foram idealizados com o objetivo de expansão comercial, portuária, conectividade de transportes e regiões, crescimento regional, complexos de petróleo, linhas de transmissão de energia, cooperação econômica, dentre outros investimentos benéficos que impulsionam o desenvolvimento. (STATE COUNCIL INFORMATION OFFICE, 2020).

REDESENHANDO A DISPUTA

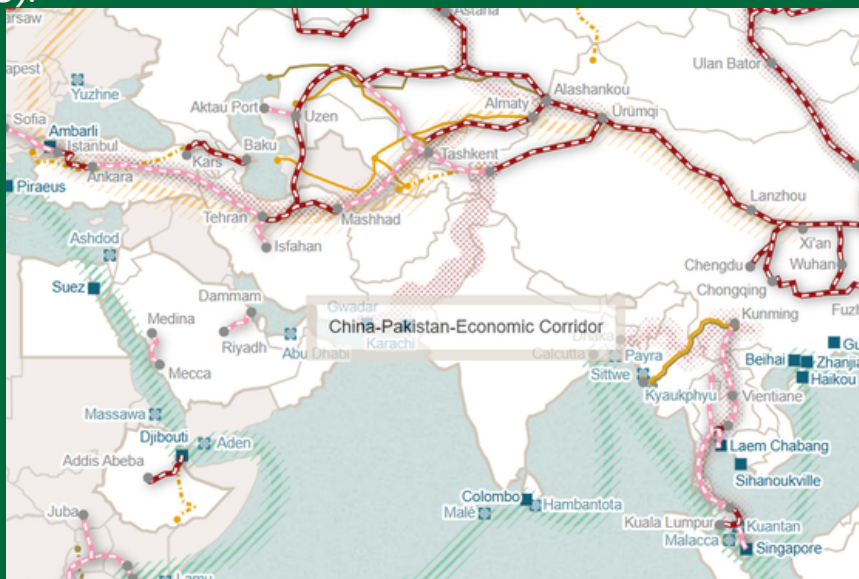
ANÁLISE DE RISCO



Trazendo uma análise de risco geopolítica para o âmbito internacional, o aumento da competitividade entre China e EUA é evidente, tendo em vista a perda hegemônica do país norte-americano e a ascensão econômica chinesa nos últimos anos, sobretudo, com as ações do projeto BRI. Como o Oriente Médio é um dos principais palcos para o estabelecimento da estratégia chinesa, o governo estadunidense enxerga esse ato como uma ameaça à política externa do Estado e às suas estratégias de segurança nacional (HOFFMAN, JON, 2025), já que os Estados Unidos vêm desde sempre, tentando manter sua força militar e influência política na região.

Além disso, a divergência de ideologias, que se faz bastante presente desde o século passado, também é um fator que intensifica ainda mais a rivalidade existente entre ambos os atores, trazendo a possibilidade para conflitos (não necessariamente armados), como por exemplo, a guerra comercial já existente entre eles.

Em um olhar mais regional, o Belt and Road Initiative poderá trazer novas oportunidades de comércio na região da Eurásia, principalmente com a viabilidade dos corredores econômicos, como o China-Pakistan Economic Corridor (CPEC).



Fonte: MERICS, 2018. Disponível em: <https://merics.org/en/tracker/mapping-belt-and-road-initiative-where-we-stand>

ANÁLISE DE RISCO



O corredor econômico acima é um dos seis corredores da iniciativa do BRI, e foi idealizado inicialmente em 2015, após um acordo assinado entre a China e o Paquistão, buscando trabalhar em conjunto para um projeto de desenvolvimento na região. Nesse projeto, foi estimado um investimento de US\$46 bilhões. Com o decorrer do mesmo, países como a Arábia Saudita, afirmaram parceria com os países participantes do CPEC para ajudar a financiar projetos de infraestrutura rodoviária e energética. Além disso, o país árabe investiu cerca de US\$20 bilhões neste corredor, incluindo a construção de uma refinaria de petróleo em Gwadar (CPIC GLOBAL, 2026).

Por volta de outubro de 2020, a rodovia Sukkur–Multan já havia sido concluída, com 392 quilômetros de extensão. A expectativa é de que no ano de 2030, o Corredor Econômico China–Paquistão, esteja completamente concluído, podendo assim, trazer benefícios para as duas nações, além de fomentar o desenvolvimento econômico na região da Ásia Central e Meridional (CPIC GLOBAL, 2026).

Os projetos do CPEC, foram responsáveis pela criação de cerca de 2.320.000 empregos em todo o Paquistão, o que evidencia alguns dos benefícios deste projeto e o cumprimento de seus objetivos, que incluem trazer mais investimento, melhores infraestruturas e empregos para as economias participantes (CPIC GLOBAL, 2026).

Apesar do êxito com a implementação do CPEC, ainda existem barreiras que podem ocasionar em tensões ou rivalidades geopolíticas na região. Entre os principais fatores, há a existência de oponentes, como a Índia, que considera o Paquistão um rival estratégico. Nesse contexto, o conflito entre ambos os Estados na região da Caxemira, representa um elemento de instabilidade, uma vez que a rodovia Sukkur–Multan, está consideravelmente próxima à área de disputa. Dessa forma, a proximidade do corredor com uma região que é historicamente conflituosa, pode trazer ameaças para o equilíbrio regional, facilitando o desenvolvimento de tensões maiores futuramente (CHATHAM HOUSE, 2021).



ANÁLISE DE RISCO

Quando relacionamos o projeto chinês da Belt and Road Initiative com o projeto da Arábia Saudita, Vision 2030, podemos observar a cooperação existente entre ambos e como seus interesses se complementam. Devido ao fato de que a iniciativa da BRI está diretamente relacionada ao crescimento econômico da China, eles demandam uma maior quantidade de petróleo. Esse aumento na demanda do petróleo para sustentar sua ascensão econômica criou uma aproximação maior com o país saudita. Conforme essa aproximação entre os Estados foi se desenvolvendo, foram criados acordos estratégicos de cooperação petrolífera, onde a Arábia Saudita poderia investir em setores de refino chineses, além de ter autorizado também, o investimento das empresas chinesas no mercado interno de petróleo saudita. Após esse período de aproximação entre os governos, novos investimentos foram sendo realizados e novas parcerias estratégicas, principalmente nos setores de energia e infraestrutura. Embora essas situações tenham ocorrido antes de 2013, que foi o ano de inauguração oficial do projeto BRI, o impulso na relação bilateral entre ambos se deu a partir de 2015, após a ascensão do Rei Salman. Neste período, a China alinhou-se estrategicamente para atender as necessidades da Arábia Saudita seguindo o registro da Vision 2030 (CARNEGIE, 2025).

Em uma escala de risco geopolítico, podemos classificar este projeto com médio risco, em questões de escalada militar, instabilidade política, crise econômica, impactos humanitários e impactos ambientais. Em alguns destes níveis, os riscos podem ser maiores ou menores. Em um contexto para instabilidades políticas e crises econômicas, é de fato incerto. Tendo em vista que os países podem tomar qualquer tipo de decisão a qualquer momento, é ingênuo dizer que não há possibilidade de desequilíbrios políticos e econômicos, ainda mais quando se trata da região onde o BRI teve maior influência, incluindo o continente africano, sendo áreas conhecidas como estratégicas e de grande competitividade internacional entre as potências.

ANÁLISE DE RISCO



Tratando-se de impactos humanitários e impactos ambientais, existem riscos maiores. Isso se deve à quantidade de obras que estão sendo realizadas simultaneamente e o quanto elas afetam o meio ambiente e os recursos naturais, sendo utilizados e desmatados em função das construções de usinas, ferrovias, rodovias e portos.

A iniciativa, ao conectar diferentes países por meio de corredores logísticos e investimentos estratégicos, amplia a interdependência econômica entre os Estados participantes. No entanto, essa integração também aumenta a vulnerabilidade do projeto diante de crises políticas domésticas, disputas regionais e oscilações econômicas. Na Eurásia, muitos dos países envolvidos apresentam históricos de instabilidade, tensões étnicas, conflitos territoriais e fragilidade política, fatores que podem comprometer a continuidade das obras e dos acordos firmados com a China. Regiões estratégicas da Ásia Central, por exemplo, enfrentam desafios relacionados à governança, mudanças de governo, corrupção e presença de grupos extremistas, elementos que podem ameaçar a segurança das rotas comerciais e dos investimentos chineses. Além disso, rivalidades geopolíticas entre potências regionais — como Índia, Rússia e China — também contribuem para o aumento das tensões e da competição estratégica na região. (WALLERSTEIN, IMMANUEL, 1974)

Paralelamente, as crises econômicas representam outro fator de risco relevante para a BRI. Muitos países participantes possuem economias dependentes de commodities, elevado endividamento público e baixa capacidade fiscal, tornando-se vulneráveis a choques externos, inflação, desvalorização cambial e desaceleração de seu crescimento econômico.

ANÁLISE DE RISCO



Nesse cenário, destaca-se também a questão das dívidas dos países africanos vinculadas aos investimentos chineses. Diversos Estados africanos aderiram à Belt and Road Initiative buscando ampliar sua infraestrutura e estimular o desenvolvimento econômico. Contudo, parte desses países, como o Quênia, por exemplo, acumularam elevados níveis de endividamento com bancos e empresas chinesas, o que gerou debates internacionais sobre a chamada “diplomacia da armadilha da dívida”. Em situações de fragilidade econômica, alguns governos africanos passam a depender excessivamente do financiamento externo, reduzindo sua autonomia financeira e aumentando o risco de crises e instabilidade política interna. Além disso, dificuldades no pagamento dessas dívidas podem provocar tensões diplomáticas, renegociações de contratos e críticas à influência estratégica da China no continente africano.



ANÁLISE DE CENÁRIO

CENÁRIO OTIMISTA

Em um cenário otimista, a Belt and Road Initiative (BRI) tende a consolidar a Arábia Saudita como um dos principais centros logísticos, energéticos e tecnológicos da Eurásia até a década de 2030. A aproximação entre a BRI e a Saudi Vision 2030 fortaleceria a cooperação sino-saudita por meio de investimentos em infraestrutura portuária, corredores logísticos, inteligência artificial, conectividade digital, energia renovável e industrialização (CARNEGIE ENDOWMENT FOR INTERNATIONAL PEACE, 2025).

Nesse contexto, a Arábia Saudita ampliaria sua importância estratégica nas rotas que conectam Ásia, África e Europa, reduzindo gradualmente sua dependência do petróleo e consolidando-se como um hub global de logística e tecnologia. Essa dinâmica reforça a lógica do Rimland de Nicholas Spykman, já que o território saudita ocupa posição estratégica entre importantes rotas marítimas e terrestres da Eurásia. Assim, o controle indireto das conexões comerciais do Golfo e do Mar Vermelho se tornaria um instrumento central de poder para a China (VISION 2030 STRATEGIC PARTNERSHIP ANALYSIS, 2025).

A evolução desse cenário ocorreria através da expansão dos investimentos chineses em infraestrutura, telecomunicações, inteligência artificial e cadeias industriais sauditas, além do fortalecimento da chamada “Rota da Seda Digital”. A estabilidade relativa no Golfo Pérsico e no Mar Vermelho também seria fundamental para ampliar os fluxos comerciais entre China, Oriente Médio e África (HIGH-LEVEL STRATEGIC DIALOGUE ALIGNS CHINA’S BRI WITH SAUDI VISION 2030, 2025).

Os principais gatilhos para a consolidação desse cenário seriam o aprofundamento institucional da parceria sino-saudita, o crescimento dos investimentos chineses, a expansão do comércio bilateral, a diversificação econômica saudita e a estabilidade das rotas marítimas estratégicas. Além disso, a necessidade chinesa de garantir segurança energética fortaleceria ainda mais a relevância da Arábia Saudita dentro da BRI (CARNEGIE ENDOWMENT FOR INTERNATIONAL PEACE, 2025).



ANÁLISE DE CENÁRIO

Os principais atores seriam China, Arábia Saudita, Estados Unidos, empresas chinesas de infraestrutura e tecnologia, fundos soberanos sauditas e instituições financeiras ligadas à BRI. A estratégia chinesa consistiria em consolidar corredores marítimos e geoeconômicos capazes de ampliar sua segurança energética e reduzir vulnerabilidades em chokepoints como o Estreito de Ormuz e o Canal de Suez, reforçando a lógica do poder marítimo de Alfred Thayer Mahan (VISION 2030 STRATEGIC PARTNERSHIP ANALYSIS, 2025).

A Arábia Saudita buscaria utilizar essa parceria para acelerar os objetivos da Vision 2030 e ampliar sua autonomia estratégica entre China e Estados Unidos. Já os Estados Unidos tenderiam a responder por meio de estratégias de contenção indireta e competição econômica e tecnológica com a China, evitando um confronto direto com Riyadh (HIGH-LEVEL STRATEGIC DIALOGUE ALIGNS CHINA'S BRI WITH SAUDI VISION 2030, 2025).

Apesar do caráter otimista, ainda existiriam desafios relevantes, como tensões no Mar Vermelho, disputas geopolíticas entre China e Estados Unidos, instabilidades envolvendo o Irã e críticas sobre dependência econômica em relação aos investimentos chineses. Ainda assim, nesse cenário, a cooperação econômica e a interdependência estratégica tenderiam a prevalecer, consolidando a BRI como um dos principais instrumentos de redistribuição do poder econômico e marítimo no século XXI (CARNEGIE ENDOWMENT FOR INTERNATIONAL PEACE, 2025).

ANÁLISE DE CENÁRIO



CENÁRIO PESSIMISTA

Em um cenário pessimista, a Belt and Road Initiative (BRI) deixaria de atuar apenas como projeto de integração econômica e passaria a intensificar disputas geopolíticas, militares e comerciais no Oriente Médio, especialmente na Arábia Saudita, no Golfo Pérsico e no Mar Vermelho. O aprofundamento da parceria entre China e Arábia Saudita seria interpretado pelos Estados Unidos como uma ameaça direta à sua hegemonia histórica sobre as rotas energéticas da região, ampliando a rivalidade estratégica entre as duas potências. Além disso, a dependência saudita em relação ao capital, à tecnologia e à infraestrutura chinesa cresceria em setores estratégicos, como telecomunicações, inteligência artificial e controle portuário (CARNEGIE ENDOWMENT FOR INTERNATIONAL PEACE, 2025).

A evolução desse cenário ocorreria com a ampliação da presença econômica, tecnológica e logística chinesa na Arábia Saudita, levando os Estados Unidos a reforçarem sua presença militar no Golfo Pérsico e suas alianças regionais. A disputa se concentraria em chokepoints estratégicos, como o Estreito de Ormuz e o Canal de Suez, fundamentais para o comércio e o abastecimento energético global (OBSERVER RESEARCH FOUNDATION, 2025). Ao mesmo tempo, instabilidades envolvendo o Irã, grupos armados regionais e ataques às rotas comerciais do Mar Vermelho dificultariam a consolidação dos corredores marítimos da BRI, elevando os custos econômicos, ampliando os riscos energéticos chineses e intensificando a insegurança regional (MODERN DIPLOMACY, 2025).

Os principais gatilhos desse cenário seriam o aumento da rivalidade sino-americana, crises militares envolvendo o Irã, ataques às rotas marítimas internacionais, militarização do Golfo e do Mar Vermelho e a expansão chinesa em setores estratégicos, como infraestrutura digital, inteligência artificial e telecomunicações.

ANÁLISE DE CENÁRIO



A percepção norte-americana de que a presença chinesa poderia adquirir funções militares aumentaria ainda mais a disputa pelo controle do Rimland descrito por Nicholas Spykman (CARNEGIE ENDOWMENT FOR INTERNATIONAL PEACE, 2025).

Os principais atores continuariam sendo China, Arábia Saudita, Estados Unidos, Irã, empresas chinesas de infraestrutura e grupos armados regionais. A China buscaria fortalecer corredores geoeconômicos e ampliar sua influência sobre rotas marítimas estratégicas, utilizando investimentos e dependência econômica como instrumentos de influência política. Já a Arábia Saudita tentaria equilibrar suas relações entre China e Estados Unidos, mas enfrentaria crescente pressão diplomática e militar para alinhar-se a um dos polos da disputa global (OBSERVER RESEARCH FOUNDATION, 2025).

Os Estados Unidos responderiam intensificando estratégias de contenção econômica, tecnológica e militar contra a expansão chinesa no Oriente Médio, reforçando alianças militares e ampliando sua presença naval. O Irã atuaria como um dos principais fatores de instabilidade regional, aumentando tensões no Golfo Pérsico e no Mar Vermelho e ameaçando rotas marítimas estratégicas, como o Estreito de Ormuz. Ao mesmo tempo, buscaria fortalecer sua parceria com a China para reduzir os impactos das sanções ocidentais e ampliar sua importância dentro da BRI. Nesse contexto, a lógica do poder marítimo de Alfred Thayer Mahan ganharia centralidade, já que o controle de portos e rotas marítimas assumiria importância não apenas econômica, mas também militar e estratégica (OBSERVER RESEARCH FOUNDATION, 2025).

Dessa forma, nesse cenário pessimista, a BRI deixaria de representar prioritariamente um instrumento de integração econômica e passaria a configurar um dos principais focos de disputa geopolítica do século XXI, transformando a Arábia Saudita em um dos epicentros da rivalidade estratégica entre China e Estados Unidos na Eurásia (MODERN DIPLOMACY, 2025).



ANÁLISE DE CENÁRIO

CENÁRIO PROVÁVEL

Em um cenário mais provável, a Belt and Road Initiative (BRI) tende a ampliar gradualmente a presença da China no Oriente Médio por meio do fortalecimento de parcerias econômicas, tecnológicas e logísticas com a Arábia Saudita, sem eliminar a influência histórica dos Estados Unidos na região. Nesse contexto, a Arábia Saudita adotaria uma estratégia pragmática de equilíbrio entre Pequim e Washington, utilizando os investimentos chineses para impulsionar a Saudi Vision 2030, enquanto mantém sua cooperação militar com os EUA (CARNEGIE ENDOWMENT FOR INTERNATIONAL PEACE, 2025).

A convergência entre a BRI e a Vision 2030 fortaleceria a cooperação sino-saudita em setores estratégicos como infraestrutura portuária, energia renovável, telecomunicações, inteligência artificial e corredores logísticos ligados ao Mar Vermelho e ao Golfo Pérsico. Ainda assim, a aproximação não eliminaria tensões geopolíticas nem reduziria totalmente a presença militar e estratégica norte-americana na região (CARNEGIE ENDOWMENT FOR INTERNATIONAL PEACE, 2025).

A evolução desse cenário ocorreria por meio do crescimento gradual da presença econômica e tecnológica chinesa na Arábia Saudita, enquanto Riyadh buscaria ampliar sua autonomia estratégica através de uma política externa mais multipolar. Nesse contexto, a competição entre China e Estados Unidos permaneceria concentrada principalmente nos setores tecnológico, comercial e logístico, evitando uma escalada militar direta (OBSERVER RESEARCH FOUNDATION, 2025).

Os principais gatilhos para a consolidação desse cenário seriam a continuidade da Vision 2030, o aumento dos investimentos chineses em infraestrutura estratégica, a busca chinesa por segurança energética e a manutenção da dependência saudita da proteção militar norte-americana. Além disso, tensões controladas envolvendo o Irã, grupos armados regionais e ataques esporádicos no Mar Vermelho continuariam impactando as rotas comerciais e reforçando a importância estratégica da região (MODERN DIPLOMACY, 2025).

ANÁLISE DE CENÁRIO



Os principais atores seriam China, Arábia Saudita, Estados Unidos, Irã, empresas chinesas de infraestrutura e tecnologia, fundos soberanos sauditas e instituições ligadas à BRI. A China buscaria ampliar sua influência econômica e marítima através de corredores logísticos e infraestrutura estratégica, reforçando sua presença no Rimland descrito por Nicholas Spykman. Já a Arábia Saudita tentaria equilibrar suas relações entre China e Estados Unidos, utilizando os investimentos chineses para diversificar sua economia sem romper sua parceria militar com Washington (CARNEGIE ENDOWMENT FOR INTERNATIONAL PEACE, 2025).

Os Estados Unidos responderiam com estratégias de contenção moderada, reforçando alianças militares e ampliando sua presença naval no Golfo, principalmente para limitar o avanço chinês em setores estratégicos sauditas. O Irã atuaria como um fator de instabilidade e pressão geopolítica no Oriente Médio, influenciando a segurança das rotas marítimas do Golfo Pérsico e do Mar Vermelho. Ao mesmo tempo, buscaria fortalecer sua parceria com a China para reduzir os impactos das sanções ocidentais e ampliar sua importância estratégica dentro da BRI.

Nesse cenário, a lógica do poder marítimo de Alfred Thayer Mahan continuaria central, já que o controle indireto das rotas marítimas e dos corredores logísticos permaneceria fundamental para a disputa por influência global. Assim, o Oriente Médio tenderia a evoluir para uma ordem mais multipolar, marcada pela coexistência competitiva entre China e Estados Unidos (MODERN DIPLOMACY, 2025).

CONCLUSÃO



A partir da análise realizada, foi possível compreender que a Belt and Road Initiative (BRI) não se limita a um projeto de infraestrutura e desenvolvimento econômico, mas constitui também uma estratégia de projeção de poder da China no Sistema Internacional. Por meio de investimentos em infraestrutura, energia, tecnologia e corredores comerciais, a China amplia sua presença em regiões estratégicas, especialmente no Oriente Médio. Nesse contexto, a aproximação com a Arábia Saudita possui grande relevância devido à sua localização geográfica, à importância energética e ao seu papel nas rotas que conectam a Ásia, a África e a Europa.

A relação entre China e Arábia Saudita demonstra a existência de interesses complementares. Enquanto a China busca fortalecer sua segurança energética, ampliar mercados e consolidar rotas comerciais, a Arábia Saudita utiliza a aproximação com Pequim para alcançar os objetivos da Saudi Vision 2030, especialmente a diversificação econômica e a redução da dependência do petróleo. Dessa forma, a relação entre os dois países pode ser compreendida como uma parceria estratégica baseada em interesses convergentes, e não apenas como uma relação de dependência.

As perspectivas de Nicholas Spykman e Alfred Thayer Mahan também contribuem para compreender a importância estratégica da Arábia Saudita. A teoria do Rimland, de Spykman, destaca a relevância das regiões periféricas da Eurásia, onde se concentram recursos e importantes rotas de circulação. Mahan, por sua vez, enfatiza o papel do poder marítimo, dos portos e das rotas comerciais na projeção de poder dos Estados. Nesse sentido, a BRI reúne elementos dessas duas perspectivas ao fortalecer corredores terrestres e marítimos que ampliam a conectividade e a influência chinesa.

CONCLUSÃO



Assim, a disputa por poder no século XXI não ocorre apenas por meio da capacidade militar ou da ocupação territorial, mas também pelo controle e pela influência sobre infraestruturas, recursos, tecnologias e redes de circulação. A BRI utiliza a conectividade como instrumento de projeção de poder, permitindo à China ampliar sua presença econômica e estratégica em regiões consideradas fundamentais.

Entretanto, essa expansão também interfere na competição entre China e Estados Unidos. A presença histórica norte-americana no Oriente Médio faz com que o avanço chinês seja percebido como um possível desafio aos interesses dos Estados Unidos. A Arábia Saudita ocupa uma posição estratégica nesse cenário ao manter relações com ambas as potências, ampliando sua cooperação econômica e tecnológica com a China enquanto preserva sua parceria militar e estratégica com os Estados Unidos. Dessa forma, a tendência não aponta para uma substituição imediata da influência norte-americana, mas para uma crescente competição entre as duas potências.

Além disso, a expansão da BRI apresenta limitações relacionadas a instabilidades políticas, conflitos regionais, crises econômicas, questões ambientais e possíveis níveis de dependência. No Oriente Médio, acontecimentos envolvendo o Irã, o Golfo Pérsico e o Mar Vermelho podem afetar diretamente as rotas comerciais e os investimentos chineses. Portanto, embora a BRI ofereça oportunidades de desenvolvimento e integração, também pode intensificar disputas geopolíticas existentes.



CONCLUSÃO

Diante disso, conclui-se que a Belt and Road Initiative contribui para uma transformação gradual na distribuição de poder no Sistema Internacional. A aproximação com a Arábia Saudita evidencia como a China utiliza instrumentos econômicos, infraestrutura e conectividade para ampliar sua influência em uma região historicamente marcada pela presença dos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, a atuação saudita demonstra que Estados estrategicamente posicionados possuem capacidade de agência e podem utilizar a competição entre grandes potências para ampliar sua autonomia e promover seus próprios interesses.

Por fim, a BRI deve ser compreendida não apenas como uma iniciativa de desenvolvimento e integração econômica, mas como uma estratégia de projeção de poder baseada na construção e no fortalecimento de conexões. Nesse cenário, a Arábia Saudita representa um espaço estratégico por sua localização, seus recursos energéticos e sua posição nas redes de circulação entre diferentes regiões. Assim, a disputa geopolítica contemporânea envolve não apenas territórios e capacidade militar, mas também a capacidade dos Estados de estabelecer e influenciar as redes por onde circulam bens, recursos, capitais e informações.

REDESENHANDO A DISPUTA



REFERÊNCIAS

ADDRESSING DEBT DISTRESS IN AFRICA. Disponível em: <<https://www.chathamhouse.org/2022/01/addressing-debt-distress-africa>>. Acesso em: 27 maio 2026.

AGBI. Middle East is top recipient of Chinese Belt and Road deals. **AGBI**, mar. 2025. Disponível em: <<https://www.agbi.com/construction/2025/03/middle-east-is-top-recipient-ofchinese-belt-and-road-deals/>>. Acesso em: 5 maio 2026.

ARAB NEWS. China–Saudi relations and economic cooperation. **Arab News**, 2025. Disponível em: <<https://www.arabnews.com/node/2616702/business-economy>>. Acesso em: 5 maio 2026.

BBC News Brasil. **A nova rota da seda que a China quer construir vale o investimento trilionário?** BBC News Brasil, 18 out. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cmj544lg205o.amp>. Acesso em: 7 maio 2026.

CARNEGIE ENDOWMENT FOR INTERNATIONAL PEACE. **How China aligned itself with Saudi Arabia's Vision 2030**. [S. l.], 2025. Disponível em: https://carnegieendowment.org/middle-east/posts/2025/01/how-china-aligned-itself-with-saudi-arabias-vision-2030?utm_source. Acesso em: 14 maio 2026.

CAVALERO, Paulo. Rimland: a teoria de Spykman e os conflitos de 2024. **Cavalero**, 19 dez. 2024. Disponível em: <https://cavalero.com.br/rimland-a-teoria-de-spykman-e-os-conflitos-de2024/>. Acesso em: 16 abr. 2026.

CHINA DAILY / STATE COUNCIL OF THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA. **High-level Strategic Dialogue Aligns China's BRI with Saudi Vision 2030**. 2025. Disponível em: https://english.www.gov.cn/news/202405/10/content_WS663dc5f5c6d0868f4e8e6b1d.html. Acesso em: 27 maio 2026.

REDESENHANDO A DISPUTA



REFERÊNCIAS

China-Pakistan Economic Corridor: CPEC – CPIC. Disponível em: <<https://www.cpicglobal.com/pakistan-overview/cpec/>>. Acesso em: 26 maio 2026.

CHINA STATE COUNCIL INFORMATION OFFICE. **Belt and Road Initiative.** Disponível em: http://english.scio.gov.cn/m/beltandroad/2020-08/04/content_76345602.htm. Acesso em: 25 maio 2026.

DE CONTI, Bruno Martarello; MOZIAS, Petr. A “Iniciativa do Cinturão e Rota”: desafios e oportunidades para a China e para o mundo. **Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais**, Porto Alegre, v. 9, n. 17, p. 212-241, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/austral/article/view/103385> (seer.ufrgs.br in Bing). Acesso em: 7 maio 2026.

DIPLOMATIQUE BRASIL. China e Arábia Saudita: uma nova Rota da Seda. **Le Monde Diplomatique Brasil**, [s. d.]. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/china-e-arabiasaudita-uma-nova-rota-da-seda/>>. Acesso em: 7 maio 2026.

Hoffman, Jon. “**Aimless Rivalry: The Futility of US–China Competition in the Middle East**,” Policy Analysis no. 1000, Cato Institute, Washington, DC, July 10, 2025.

JORNAL DE ECONOMIA DO MAR. **Arábia Saudita investe no Corredor Económico China-Paquistão.** Jornal de Economia do Mar, [s.l.], 2024. Disponível em: <https://www.jornaldaeconomiadomar.com/arabia-saudita-investe-no-corredor-economico-china-paquistao/>. Acesso em: 25 maio 2026.

KAFURA, Craig. The BRICS Expansion and the Geopolitics of Energy. **Council on Foreign Relations (CFR)**, 2024.

REDESENHANDO A DISPUTA



REFERÊNCIAS

KELL, F. **Kenya's debt struggles go far deeper than Chinese loans.** Disponível em: <<https://www.chathamhouse.org/2023/05/kenyas-debt-struggles-go-far-deeper-chinese-loans>>. Acesso em: 26 maio 2026.

Kenya's conversion of Chinese debt to renminbi reflects economic pragmatism more than strained US ties. Disponível em: <<https://www.chathamhouse.org/2025/11/kenyas-conversion-chinese-debt-renminbi-reflects-economic-pragmatism-more-strained-us-ties>>. Acesso em: 27 maio 2026.

KHAN. Strategic Navigation through Economic Corridors. Cap. 1, 2025. Disponível em: [Cap. 1] Khan (2025) – Strategic Navigation through Economic Corridors_Of359f2d024ef5595e52901e97f30a7d.pdf. Acesso em: 25 maio 2026.

LAGOA, Santa-MG. **A expansão chinesa por meio da Nova Rota da Seda como ameaça à soberania brasileira.** Tese (Doutorado) – Fundação Getúlio Vargas, [s. l.], [s. d.].

LEAL BARCELLOS, Bruna; MÈRCHER, Leonardo. Nova Rota da Seda: China e sua maximização econômica por recursos de poder. **Geosul**, v. 35, n. 77, 2020.

MAHAN, Alfred Thayer. **The Influence of Sea Power upon History, 1660–1783.** Boston: Little, Brown and Company, 1890.

MODERN DIPLOMACY. **The Geopolitics of the Red Sea Crisis: Implications for Global Trade and Security.** 2025. Disponível em: <https://moderndiplomacy.eu/2025/04/26/the-geopolitics-of-the-red-sea-crisis-implications-for-global-trade-and-security/>. Acesso em: 27 maio 2026.

REDESENHANDO A DISPUTA



REFERÊNCIAS

MONITOR MERCANTIL. **Cinturão e Rota já mobilizou US\$ 1 bi em investimentos.** Rio de Janeiro, [s. d.]. Disponível em: https://monitormercantil.com.br/cinturao-e-rota-ja-mobilizou-us-1-bi-em-investimentos/?utm_source. Acesso em: 24 maio 2026.

MONITOR MERCANTIL. **China se torna o maior parceiro comercial dos países do Golfo.** Monitor Mercantil, [s. d.]. Disponível em: <<https://monitormercantil.com.br/china-se-torna-omaior-parceiro-comercial-dos-paises-do-golfo/>>. Acesso em: 7 maio 2026.

NAPOLI, Eric. Entenda o que é a Nova Rota da Seda da China. Poder360, 8 maio 2025. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/poder-china/entendo-o-que-e-a-nova-rota-daseda-da-china/>. Acesso em: 16 abr. 2026.

ORF – OBSERVER RESEARCH FOUNDATION. **China and Saudi Arabia: a deepening strategic partnership.** ORF Online, [s. d.]. Disponível em: <<https://www.orfonline.org/research/china-and-saudi-arabia-a-deepening-strategicpartnership>>. Acesso em: 7 maio 2026.

PAUTASSO, Diego. A Nova Rota da Seda e seus desafios securitários: os Estados Unidos e a contenção do eixo Sino-Russo. **Estudos Internacionais: revista de relações internacionais da PUC Minas**, v. 7, n. 2, p. 85–100, 2019.

POLITIZE. **One Belt, One Road: entenda a Nova Rota da Seda chinesa!.** Politize, [s. d.].

QIAN, Xuming. The Belt and Road Initiatives and China's Middle East energy policy. *International Relations and Diplomacy*, [s. l.], v. 4, n. 10, p. 642–652, 2016. DOI: 10.17265/2328-2134/2016.10.002. Disponível em: <https://www.academia.edu/120495749/The_Belt_and_Road_Initiatives_and_Chinas_Middle_East_Energy_Policy>. Acesso em: 16 abr. 2026.

REDESENHANDO A DISPUTA



REFERÊNCIAS

SALVAGNI, Julice et al. A ascensão chinesa e a nova rota da seda: mudanças globais, novas hegemonias. *Sociedade e Estado*, v. 37, n. 2, p. 673-696, 2022.

SPYKMAN, Nicholas J. **The Geography of the Peace**. New York: Harcourt, Brace and Company, 1944.

STANDARD CHARTERED. **Saudi Arabia: catalysing growth at the crossroads of Vision 2030**. [S. l.], [s. d.]. Disponível em: https://www.sc.com/en/news/corporate-investment-banking/saudi-arabia-catalysing-growth-at-the-crossroads-of-vision-2030/?utm_source. Acesso em: 24 maio 2026.

VISION 2030 STRATEGIC PARTNERSHIP ANALYSIS. **Saudi-China Relations and Strategic Cooperation under Vision 2030**. 2025. Disponível em: <https://vision2030.ai/geopolitics/saudi-china-relations/>. Acesso em: 27 maio 2026.

WALLERSTEIN, I. **The modern world-system**. San Diego ; London: Academic Press, 1974.

WANG, C. N. About the Belt and Road Initiative (BRI). **Green Finance & Development Center**, [s. d.].

WORLD SCIENTIFIC. **China-Middle East economic and strategic relations**. World Scientific, 2018.



FECAP

PESQUISA DESENVOLVIDA NO ÂMBITO DA DISCIPLINA
"CONFLITOS INTERNACIONAIS E GEOPOLÍTICA
CONTEMPORÂNEA", DO CURSO DE RELAÇÕES
INTERNACIONAIS DA FECAP (2026.1)

ALEXIA DENARDI
ISABELLE LORENA DA SILVA
LAURA CARNEIRO
LUIZA PIN MARQUES
SOFIA BEZERRA DE ANDRADE

JUNHO/JULHO 2026

